

**Paulo Monte recebe  
mais solidariedade**

Em face de matéria recentemente publicada na imprensa local, na qual envolve telex de sua autoria ao presidente da República e a ministros de Estado, no qual solicitamos a apuração de conflitos envolvendo índios e garimpeiros na região do rio Castanho, Alto-Rio Negro, e considerando a entrevista que deu à imprensa um funcionário da empresa Goldmazom, e ainda a nota do presidente da Associação dos Garimpeiros, o deputado João Pedro declarou o seguinte:

“Nós apoiamos a causa indígena por entender, de forma científica, a questão de como devemos tratar as minorias étnicas.

Em relação a declaração de um funcionário da Empresa Mineradora Goldmazom, segundo a qual não conhecemos a área onde ocorreu o conflito, declaramos, peremptoriamente, que quem não conhece (ou conhecendo, fazem questão de distorcê-las) a história da civilização indígena e a colonização de nossa pátria, são os que hoje invadem as reservas indígenas e extraem os minérios, ali existentes, para entregarem ao imperialismo.

Esta afirmativa é fundamentada em fatos históricos que passamos a descrevê-los:

O Escritor CASSIANO RICARDO, em sua obra MARCHA PARA O OESTE escreve que já no século XVI assim era a situação mineral no Brasil.

“... Foi o ouro do Brasil que deu o primeiro impulso a formação dos grandes estoques desse metal nos tempos modernos. De 1.700 à 1.770, a nossa produção foi igual à de 50% do que o resto do mundo produziu, nos séculos XVI, XVII e XVIII.

A nossa produção de ouro, durante o período colonial, foi o maior que viu a humanidade, depois da queda de Roma. Esta produção (seria curiosa pensar sobre todas as minúcias do seu destino) não interessou apenas ao Brasil — deu a Portugal um século de fartura — e como dizia:

ENTROU OURO DO BRASIL PELA BOCA DE PORTUGAL, MAS CAIU NO ESTÔMAGO DA INGLATERRA”.

Como se depreende do texto supra transcrito, os saques às nossas riquezas minerais não vêm dos tempos modernos, mas precisamente, desde o início da invasão portuguesa.

E no século XVIII, como nos ensina CARLOS DE ARAÚJO MOREIRA. “... A ocupação do Rio Negro seria marcada, portanto, desde o início, pela atração de promessas lendárias, como o EL DOURADO e promessas mais reais e tangíveis, como o apresamento e o comércio de escravos indígenas. Nisso, aliás, a história da região não é diversa dos primeiros ensaios de colonização portuguesa do antigo Estado do Maranhão e do Grão Pará, onde na frase do padre Vieira — O OURO ERA O SANGUE DOS ÍNDIOS ESCRAVIZADOS”.

Assim, não é novidade alguma, que os GARIMPEIROS-DE-TÉCO-TÉCO, que hoje invadem as reservas indígenas, para extrair riquezas minerais, não trazem nada de novo para a construção de nossa economia nacional. São apenas meros continuadores daqueles que nestes cinco séculos têm desenvolvido uma política colonialista.

Aqueles que nos acusam de não conhecer a região conflagrada, queremos afirmar que somos amazônidas e temos conhecimento do desenvolvimento histórico e econômico de nossa região, o que permite afirmar que todos aqueles que invadem reservas indígenas não têm outro fito que não seja a eliminação da propriedade coletiva das terras, o saque às riquezas nelas existentes e conduzir os povos indígenas a um processo etnocida.

Por conseguinte, condenamos com veemência, todos aqueles que hoje tentam invadir as reservas indígenas. São impatriotas e inimigos da paz, do progresso e do desenvolvimento nacional independente, pois seu principal intento é entregar as riquezas minerais ao imperialismo.

Apoiamos com denodo as afirmativas dos antropólogos, especialmente, este extraordinário professor da Universidade do Amazonas, que é PAULO MONTE, que, de forma corajosa, denunciou a invasão das áreas indígenas TUKANO.

Elogiamos a imediata ação de nossas FORÇAS ARMADAS e POLÍCIA FEDERAL, especialmente ao Exército, que em prazo recorde, mas não surpreendente, cumpriram suas funções constitucionais.

Merece aplausos a atitude do Exmo. Sr. Presidente da República, José Sarney, e ministro da Justiça e Funai, que determinaram, com energia, providências cabíveis em relação ao fato ocorrido.

Estaremos vigilantes e atentos a todas as investidas dos TESTA-DE-FERRO de grandes empresas mineradoras, nacionais e multinacionais, que só estão esperando apenas mais um momento oportuno de voltarem a ação invasora.

Para concluir, dispensa-se de narrar as maldades infinitas, como já escrevia o FREI BARTHOLOMEU DE LAS CASAS, ainda no século XVI... os atos abomináveis que se praticam neste país, e que ainda hoje se praticam”